

Os Contos antes de *Sagarana*: desdobramentos da participação de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos no Prêmio Humberto de Campos

Gustavo Milano e Thiago Mio Salla

E

m 1936, a Livraria José Olympio Editora criou o Prêmio Humberto de Campos, que prometia ao vencedor a quantia de três contos de réis e a publicação imediata da obra vencedora. Era um concurso voltado ao gênero conto, batizado com esse nome para homenagear a figura do escritor maranhense Humberto de Campos (1886-1934), que havia estabelecido parcerias e aberto inúmeras portas para José Olympio, depois de a livraria-editora deste ter sido transferida para o Rio de Janeiro, no início de 1934 (Hallewell, 2005, pp. 436-9).

GUSTAVO MILANO é pós-graduando na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

THIAGO MIO SALLA é professor do curso de Editoração da ECA-USP.

Nas palavras de José Olympio, no processo de criação do prêmio, avultava também o desejo de servir à literatura brasileira, da qual ele se mostrava um sincero admirador:

“Basta notar que a nossa casa [a Livraria José Olympio Editora] é a única no Brasil onde a literatura brasileira é a grande base editorial, onde o número de traduções é menor que o de livros originais brasileiros. E, ainda mais, fizemos esse concurso visando a incentivar o gênero literário atualmente mais abandonado no Brasil: o conto” (Olympio, 1936, p. 5).

Da comissão julgadora dessa primeira edição do prêmio fizeram parte Peregrino Júnior, Prudente de Moraes Neto, Jorge Amado, Marques Rebelo e Arnaldo Tabaiá. O vencedor foi Telmo Vergara, com o seu *Cadeiras na Calçada* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1936), que obteve tal triunfo em meio a um conjunto de mais de oitenta inscritos. Apesar da promessa de ser anual, o prêmio teve apenas mais duas edições, separadas entre si por intervalos distintos: a segunda em 1938 e a terceira em 1942. Instabilidades políticas como a instauração do Estado Novo no Brasil, no início de 1937, e a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1939, inevitavelmente complicaram a renovação periódica do concurso.

Na segunda edição do prêmio, no entanto, dentre os inscritos, estava aquele que, em perspectiva diacrônica, seria o concorrente mais ilustre de todas as edições do referido concurso: João Guimarães Rosa, que, encoberto pelo criptônimo Viator, alcançou apenas a segunda colocação, com um volume intitulado tão somente *Contos*. Não havia formalmente um segundo colocado, mas ele ficou atrás de Luís Jardim, então

ilustrador da Livraria José Olympio Editora. Este, valendo-se do pseudônimo Plácido Assunção, obteve, com o original *Maria Perigosa*, a preferência do júri, agora formado por Peregrino Júnior, Prudente de Moraes Neto, Marques Rebelo, tríade que esteve na edição inaugural da premiação, além de Dias da Costa e Graciliano Ramos.

Segundo a ata dessa segunda edição do Prêmio Humberto de Campos, datada de 2 de março de 1939, depois de sucessivos escrutínios, dos 63 trabalhos inicialmente inscritos restaram 17, em seguida nove, seis, quatro e, finalmente, os originais *Maria Perigosa* e *Contos*¹. Entre os membros do júri, Graciliano Ramos e Dias Costa votaram no primeiro, ao passo que Prudente de Moraes Neto, e Marques Rebelo optaram pelo segundo. “Como o voto do sr. Peregrino Júnior poderia decidir o resultado final do concurso, pediu esse membro da comissão um prazo para ler o original nº 11 (*Contos*, de Viator), votando logo depois de terminada a leitura” (Ata da Reunião, 1939). Dois dias depois, Peregrino Júnior manifestou seu voto, “ficando assim o livro *Maria Perigosa*, de autoria do sr. Luís Jardim, vencedor do Prêmio Humberto de Campos de 1938” (Ata da Reunião, 1939).

Para além do texto frio da ata lavrada e assinada pelos jurados, conhecem-se ainda um depoimento de Marques Rebelo (1939)² e dois de Graciliano Ramos (1962, pp. 155-6 e 200-2), publicados logo após a divulgação

1 Soube-se, depois de divulgados os resultados, que entre os inscritos da segunda edição do prêmio estava também o futuro deputado federal, e posteriormente governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, com os contos de *Uma Luz Pequeninha* (Villaça, 2001, p. 133), não obtentor de relevante apreço por parte dos jurados.

do vencedor, os três aparentemente informais, escritos e publicados pela livre iniciativa de cada um. Além desses, houve mais um artigo do autor de *A Estrela Sobe* (Rebello, 1946) e outros dois do escritor alagoano (Ramos, 1962, pp. 249-52; 2012, pp. 179-184), nos quais são mencionadas as participações de ambos como jurados no referido certame. Em um deles, “Conversa de Bastidores”, o romancista de *Vidas Secas* traz mais elementos a respeito da emaranhada votação:

“Houve discussão e briga. No dia do julgamento, eliminadas composições menos sólidas, ficamos horas no gabinete de Prudente de Moraes hesitando entre esse volume desigual [*Contos*, de Viator] e outro, *Maria Perigosa*, que não se elevava nem caía muito. Optei pelo segundo – e, em consequência, Marques Rebello quis matar-me: gritou, espumou, fez um número excessivo de piruetas ferozes. Defendi-me com três armas: o doutor, a professora, as injeções antiofídicas. [...] Dias da Costa apoiou-me. Prudente de Moraes sustentou Marques. E Peregrino Júnior, transformado em fiel de balança, exigiu quarenta e oito horas para manifestar-se. Escolheu *Maria Perigosa* – e assim Luís Jardim obteve o prêmio Humberto de Campos em 1938” (Ramos, 1962, p. 250).

As “armas” mobilizadas por Graciliano estão, respectivamente, em três escritos

2 Nesse texto, publicado na revista *Dom Casmurro*, em 4 de março de 1939, Rebello assinala que não havia sido feita a ata do concurso e que, caso ela viesse a ser produzida, não contaria com a sua assinatura. Entretanto, o documento que consta do fundo Livraria José Olympio Editora da Fundação Casa de Rui Barbosa foi lavrado dois dias antes da publicação do artigo do autor de *Oscarina* e nele se encontram as assinaturas de todos os membros do júri menos a dele.

de Viator que integram os *Contos*: “Uma História de Amor” (doutor), “Questões de Família” (professora) e “Bicho Mau” (injeções antiofídicas). No entanto, pouco ou nada se sabe, em termos de crítica literária e pesquisa acadêmica, sobre os dois primeiros textos, pois não chegaram a ser incluídos em outra obra, seja publicada em vida do autor, seja postumamente³. Não obstante isso, as críticas que tais composições receberam, ao integrarem o original *Contos*, tiveram papel angular para o aprimoramento de todo o restante do livro que viria a ser *Sagarana*.

CONTOS, DE VIATOR

Em carta a João Condé, Guimarães Rosa narra sucintamente o processo de produção dos textos que integraram os *Contos* e a inscrição de tal trabalho no Prêmio Humberto de Campos de 1938:

“Já pressentira que o livro, não podendo ser de poemas, teria de ser de novelas. E – sendo meu – uma série de histórias adultas da Carochinha, portanto. [...] Bem, resumindo: ficou resolvido que o livro se passaria no interior de Minas Gerais. E compor-se-ia de 12 novelas. Aqui, caro Condé, findava a

3 Trata-se de composições ainda inéditas em livro que integram o Fundo João Guimarães Rosa do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (cf. JGR-M-01,01). Além desses dois textos, vale destacar que o posfácio “Porteira de Fim de Estrada”, apostado ao fim do volume *Contos* submetido por Guimarães ao referido certame, traz importantes informações, sobretudo sobre o livro *Tutameia* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1967). A respeito do conto “Bicho Mau”, há uma versão profundamente modificada dele que compõe a obra póstuma *Estas Estórias* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1969).

fase de premeditação. Restava agir. Então, passei horas de dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, ‘revendo’ paisagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso. [...] Lá por novembro, contratei com uma datilógrafa a passagem a limpo. E, a 31 de dezembro de 1937, entreguei o original, às 5 e meia da tarde, na Livraria José Olympio. O título escolhido era ‘Sezão’; mas, para melhor resguardar o anonimato, pespuguei no cartapácio, à última hora, este rótulo simples: ‘Contos’ (título provisório, a ser substituído) por Viator. Porque eu ia ter de começar longas viagens, logo após” (Rosa, 1999, pp. 377-9).

E, no posfácio “Porteira de Fim de Estrada” presente no referido volume, Rosa complementa dizendo que essas 12 histórias “foram começadas e acabadas no formoso ano de 1937, precisamente entre 20 de maio e 4 de dezembro” (Viator, 1937). Fica evidente nesse relato a aparente despreocupação do escritor mineiro, que parece inventar um pseudônimo e um título quaisquer, submetendo o seu original aparentemente sem muitas pretensões. Como aduz Cecília de Lara, “Guimarães Rosa afirma que se inscreveu [no Prêmio Humberto de Campos] para que sua obra fosse avaliada, visto que não possuía quase relações literárias” (Lara, 1996, p. 31). Os cenários pelos quais passou, os dramas que padeceu no sertão de Minas Gerais deixaram marcas indeléveis na sua fértil imaginação, e era preciso avaliar o valor artístico desse material bruto, pois o prêmio da Academia Brasileira de Letras que ganhara em 1936 com a sua primeira obra, o livro de poemas *Magma* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997), não era

garantia de que, na prosa, o autor se sairia tão bem quanto na poesia.

Depois desse volume de poemas premiado, tratava-se de um movimento audacioso migrar tão rapidamente para a confecção de um livro de prosa. Diz ele que começou a escrever esses contos motivado pela saudade do interior de Minas Gerais, “lembranças e saudades de Cordisburgo e Itaguara me fizeram escrever *Sagarana*” (Coutinho, 1965), dirá. Essas 12 “histórias adultas da Carochinha” têm as suas raízes nessas duas cidades mineiras com cujas terra, fauna e população Rosa nutriu relações íntimas. Mais especificamente, ele assinala que alguns contos “pertencem” a Cordisburgo (“O Burrinho Pedrês”; “Corpo Fechado”; “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”; “Minha Gente” e “Duelo”) e outros ele “deve” a Itaguara (“A Volta do Marido Pródigo”, “Sarapalha”, “São Marcos” e “Conversa de Bois”) (Borba, 1946). Mediante esse tipo de afirmação, o autor deixaria de se colocar no centro do processo narrativo: não seria ele, em princípio, o “dono” daquelas histórias, a única voz capaz de produzi-las. Não por acaso, tal estratégia argumentativa faria com que, em certo sentido, o artista se assemelhasse a um transmissor impessoal de dados da realidade, ainda que os selecionasse, elaborasse e os narrasse segundo sua própria cosmovisão.

Os *Contos* entregues para a avaliação do júri do Prêmio Humberto de Campos não se constituíam nos primeiros trabalhos em prosa que Guimarães Rosa tornava públicos. Entre 1929 e 1930, ele publicara na revista *O Cruzeiro*, sem recorrer a pseudônimos, três contos fantásticos, vencedores de concursos promovidos pelo mesmo periódico (Gama-Khalil, 2012, p. 144): “O Mistério

de Highmore Hall”, de 7 de dezembro de 1929; “*Chronos Kai Anagke*”, em português “Tempo e Destino”, de 21 de junho de 1930; e “Caçadores de Camurça”, de 12 de julho de 1930; além desses, assinou o conto “Makiné”, publicado no suplemento dominical de *O Jornal*, em fevereiro de 1930. Esses quatro escritos, que juntos constituem a sua estreia na prosa literária, seriam compilados apenas em 2011, pela editora Nova Fronteira, no livro *Antes das Primeiras Estórias*. Desse modo, o original submetido ao certame não era a sua primeira aventura fora da poesia propriamente dita; contudo, era a primeira vez que Guimarães Rosa se punha a escrever um livro em prosa e o submetia a escritores e intelectuais de vulto.

Todavia, a extensão das peças recolhidas em *Contos* era, de certa maneira, inapropriada para o gênero conto, daí a grande surpresa do júri e da crítica ao topar com um “cartapácio de quinhentas páginas datilografadas” (Ramos, 2012, p. 180). Na citada “Carta a João Condé”, como se viu, Rosa afirma que escrevera “12 novelas”, e o confirma o juízo de Paulo Rónai:

“O gênero peculiar do autor é aliás a novela e não o conto. A maioria das narrativas reunidas no livro são novelas, menos por sua extensão relativamente grande do que pela existência, em cada uma delas, de vários episódios – ou ‘sub-histórias’, na expressão do escritor – aliás sempre bem concatenados e que se sucedem em ascensão gradativa. O gênero, em suas mãos, alcança flexibilidade notável, modifica-se conforme o assunto, adapta-se às exigências do enredo” (Rónai, 1946).

Em nenhum dos depoimentos dos membros do júri, entretanto, o gênero do original

de Viator foi questionado. Se Rosa chegou a hesitar em inscrever num concurso de contos um livro composto, como ele próprio disse, de 12 novelas, não há registro disso. Mas o ato de pespegar o título “*Contos*” na capa do volume, em vez de “*Sezão*”, pode ser entendido como um ajuste de última hora, uma tentativa de adequação ao gênero textual pressuposto pelo concurso, apesar de o autor ter dito que a finalidade da alteração era tão somente “resguardar o anonimato” (Rosa, 1999, p. 379).

JUÍZOS CRÍTICOS

Marques Rebelo incensou os *Contos*, de Viator. Depois de dizer que o volume tinha sido “intensamente escrito”, vê nele “qualidades excepcionais, não só de contista, como de escritor propriamente. Conhecedor forte da vida brasileira, segurança absoluta na exposição dos seus ambientes, diálogo muito bem feito, elevação de ideias, bom gosto” (Rebelo, 1939). Seu entusiasmo por esse original foi tanto, que exigiu boas justificativas de quem discordara dele, ainda que não se observasse do outro lado uma veemência proporcional.

Surgiram, de fato, entre os membros do júri, dois grupos opostos, ambos com um líder à frente: Marques Rebelo apaixonadamente a favor de Viator e Graciliano Ramos aparentemente contra ele. Rebelo confessa, em discurso na Academia Brasileira de Letras, na chamada “Sessão de Saudade”, realizada em 23 de novembro de 1967, que passou dois anos sem falar com Graciliano “por não ver um grande escritor reconhecer outro grande escritor pelo rabinho que punha de fora” (Vilhaça,

2001, p. 134), tal foi a indisposição gerada pela diferença de juízo.

Além dos depoimentos desses dois membros do júri, encontram-se apenas sumárias alusões a comentários de Prudente de Moraes Neto. Em artigo de 1939, Graciliano Ramos assinala: “Prudente de Moraes acha que ele [Viator] fez alguns dos melhores contos que existem em língua portuguesa” (Ramos, 1962, p. 156). De modo análogo, o jornalista Henrique Pongetti também menciona: “No livro de Viator, Prudente encontrou dois dos dez melhores contos brasileiros, conforme nos declarou” (Pongetti, 1946). E Marques Rebelo acrescenta: “Causou-me singular impressão este livro [*Contos*, de Viator], o mesmo acontecendo com o sr. Prudente de Moraes Neto” (Rebelo, 1939). Assim, mais do que um opaco voto a favor de *Contos*, o que poderia significar uma falta de melhor opção, o renomado crítico literário Prudente de Moraes Neto viu no autor em questão um exímio escritor, rasgando-lhe elogios antes mesmo de conhecer o criador encoberto pelo pseudônimo.

Outra grande figura da literatura brasileira do século XX, Graciliano Ramos, como se viu, votou de forma diferente. Nesse sentido, Cecília de Lara afirma que ele, como membro do júri da edição de 1938, “não soube reconhecer o talento do novato que se assinava ‘Viator’” (Lara, 1996, p. 30). E a também pesquisadora Cássia dos Santos diz que essa edição do concurso “entrou para a história de nossa literatura por ter reunido, *em lados opostos*, talvez os dois mais importantes romancistas do século passado: Graciliano Ramos e Guimarães Rosa” (Santos, 2012, p. 117; grifo nosso). Com relação a esses pontos, é legítima a discordância.

Graciliano afirmou, em 1939, que:

“Em virtude da decisão do júri, muita gente supõe que o concorrente vencido seja um escritor de pequena valia. Injustiça: apesar dos contos ruins e de várias passagens de mau gosto, esse desconhecido é alguém de muita força” (Ramos, 1962, pp. 155-6).

Seu voto em prol de Luís Jardim – ou melhor, contra Viator, como prefere Graciliano Ramos – só se deu por conta de “dois contos e algumas páginas campanudas” (Ramos, 1962, p. 155). A narrativa “Conversa de Bois”, por exemplo, foi considerada pelo escritor alagoano como “uma verdadeira maravilha” (Ramos, 1962, p. 156), o que enfraquece o posicionamento de quem interpretasse que, com esse voto, Graciliano estivesse dizendo não haver talento em Viator. Em seu depoimento, Ramos também apoiou a publicação do livro do autor desconhecido, tributou admiração a personagens como Joãozinho Bem-Bem, referiu-se ao autor como “um sujeito que sabe o que diz e observou tudo muito direito” (Ramos, 1962, p. 156); enfim, disse que “realmente a escolha [entre *Maria Perigosa* ou *Contos*] era bem difícil” (Ramos, 1962, p. 156).

Dois anos depois, em 1941, talvez movido por algum tipo de remorso e em atendimento a uma sugestão de José Olympio (Ramos, 1962, p. 251), Graciliano retoma o caso ocorrido e produz uma espécie de anúncio com o objetivo de saber o paradeiro do ainda desconhecido Viator. Antes de o romancista alagoano assinalar, ao final do texto, que “gratifica-se quem trazer a esta redação o conto ‘Conversa de Bois’” (Ramos, 2012, p. 182), ele rememora que, em *Contos*, “há coisas ótimas”; que o livro “sobe muito ou

desce demais, nunca sendo medíocre”; que “dos seus contos uns são melhores, outros são piores que os do escritor pernambucano [Luís Jardim]”; que nele há “o diálogo vivo, a descrição exata, a narrativa segura. Conhecimento perfeito do meio e dos assuntos tratados”; e que, “além de conhecer bem os homens e a terra, esse Viator é um animalista notável⁴” (Ramos, 2012, p. 181). Como se percebe, não faltaram elogios também de Graciliano Ramos ao concorrente de *Maria Perigosa*.

Para um autor disposto a retratar a vida no interior do país, era imprescindível, na visão do escritor alagoano, que tal literato adotasse uma postura crítica e tivesse verdadeiro conhecimento do ambiente e das pessoas de lá, não “confiando demais na imaginação, que [conforme se depreende, sobretudo, das crônicas do autor de *Caetés*] sempre leva à criação de produtos fantasiosos” (Salla, 2016, p. 165). Em conformidade com essa ênfase testemunhal, o ficcionista em questão também deveria conceder privilégio à observação na tessitura de uma nova dizibilidade sobre o espaço sertanejo, que, tendo em vista o efeito de real pretendido, procurasse se afirmar como uma espécie de documento. Se Graciliano Ramos utiliza esse pressuposto poético para realçar as qualidades de Viator, que se destacava por produzir narrativas “reais, nacionais e bárbaras” sem as falsidades costumeiras no trato do sertão (Ramos, 2012, p. 181), o romancista nordestino também se vale desse

mesmo parâmetro avaliativo para repreender o autor dos *Contos*:

“Os amores piegas dum engenheiro com uma professorinha de grupo escolar, a morte inverossímil de um médico transformado, por desgostos excessivos, em trabalhador de enxada, algumas páginas de mau gosto que chegam à declamação, à propaganda, ao arrazoado. Numa delas quase nos avisa de que aquilo não é anúncio de soro antiofídico” (Ramos, 2012, p. 180).

De fato, quando se examina, por exemplo, o conto “Uma História de Amor” (“a morte inverossímil de um médico transformado, por desgostos excessivos, em trabalhador de enxada”), as ressalvas de Graciliano se mostram procedentes. A história é contada em primeira pessoa por um médico que então se encontrava num distante e pequeno arraial no interior de Minas. Em suas andanças pela região, o narrador-protagonista trava contato com José-Luiz, um capiau que lhe parecia diferente dos demais, cujo olhar sugeria que ele já “sofrera intelectualmente”. Segundo o relato do fazendeiro Nhô-Virgílio, quando chegara para trabalhar em sua propriedade, José-Luiz não tinha calo nas mãos, fazendo “força para falar atrapalhado que nem a gente” (Viator, 1937). Na verdade, o nome verdadeiro de tal sujeito seria Adalberto Vafro, um médico que em função de uma desventura amorosa viera a enterrar-se vivo naqueles cafundós, “como um anacoreta sob os votos de pobreza, castidade e humildade” (Viator, 1937). Tal caráter posição da personagem, que se autoimpõe como desterro, num gesto de suposto heroísmo, viver como um simples sertanejo, acabava por conferir certo caráter pitoresco e falso ao matuto,

4 Nesse sentido, Graciliano seria um dos primeiros a assinalar favoravelmente o parentesco das novelas de Rosa com certas produções do escritor inglês Rudyard Kipling, aproximação que marcaria, em 1946, a primeira recepção crítica de *Sagarana* (Bonomo, 2011, p. 37).

algo que contrariava as diretrizes literárias do autor de *S. Bernardo* quanto à representação literária dos homens do *hinterland* brasileiro (Ramos, 2012, p. 115).

Em 1944, quando Ramos e Rosa se conheceram pessoalmente, ambos estavam de acordo a respeito da má qualidade de três dos *Contos*: além de “Uma História de Amor”, os também já mencionados “Bicho Mau” e “Questões de Família”. Não se pode presumir, como ficou exposto, que Rosa tenha mandado apenas a porção mais cuidada de sua produção literária ao julgamento do Prêmio Humberto de Campos, nem um trabalho demoradamente burilado. Conforme declara o próprio Viator no posfácio aos *Contos* (*Sezão*), em se tratando da capina e da poda dos textos apresentados “muita moita má ainda era a ser foiçada” (Viator, 1937). Tal caráter ainda transitório da coletânea, e não uma suposta cegueira crítica de Graciliano naquele momento, parece estar na base do voto contrário que ela recebera do romancista alagoano. Para além das virtudes dos *Contos*, este último concedeu excessiva importância aos textos considerados ruins, que compunham somente um quarto da obra. O critério, pois, assumido por ele foi o da oscilação no que diz respeito à qualidade literária dos contos do volume, e não o mérito elevado de parte considerável do conjunto.

De fato, o escritor mineiro não esperava grandes aplausos ao seu original. Em 1938, como cônsul-adjunto, foi a Hamburgo, na Alemanha, onde ficou “por quatro anos e meio” (Coutinho, 1965), até 1942. De lá, sabendo do resultado desfavorável obtido pelos *Contos* no concurso, empreendeu a reformulação do conjunto de textos. Alguns relatos referentes a tal processo são mencio-

nados no *Diário de Guerra*, que integra o Arquivo Henriqueta Lisboa do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (Rosa, 1938-1941)⁵. Na altura de 1942, quando Brasil e Alemanha romperam relações diplomáticas, e Guimarães Rosa e outros funcionários do Itamaraty na Alemanha foram trocados por diplomatas alemães no Brasil, Rosa se aproxima do também diplomata Cícero Dias, a quem deu a ler os seus contos, recebendo deste ânimo para publicá-los (Perez, 1968, p. 31). De volta ao Rio, entrou em contato com Marques Rebelo para marcar um almoço, chamando também Prudente de Moraes Neto, que não pôde estar presente. No já citado discurso na ABL, Marques Rebelo relata o acontecimento:

“Desconfiado, [Rosa] passou-me uma sabatina em regra sobre a leitura do livro, como se eu não o tivesse lido e defendido. Acalmado, pediu-me conselhos, a que respondi ser muito humilde para aconselhar um escritor que se revelava daquela maneira superlativa, mas, usando da minha modesta experiência no trato literário, sugeria que ele cortasse uns dois contos, e fizesse em outros uns apuros que achava necessários para a melhor compreensão de certos trechos um tanto embolados, digamos bizantinos ou gongóricos. Respondeu-me que era sua intenção refazer o volume [...]” (Rebelo, 1968, p. 137).

5 Para este artigo, entretanto, consultou-se aquela que se imagina ser a cópia de tal documento presente no acervo João Guimarães Rosa do IEB/USP. Na entrada de 30 de maio de 1940 desse diário, por exemplo, em meio ao alerta de bombardeios na Alemanha em guerra, o escritor registra: “Estou trabalhando, corrigindo o último trecho de ‘O Burrinho Pedrês’. Mugiram as sirenes. Alarme!” (Rosa, 1938-1941, p. 17).

Em 1941, Graciliano supõe que, após a derrota, o autor de *Contos* “amoitou-se, naturalmente indignado; maldizendo o júri, pelo menos parte dele, até certo ponto com razão. Nada mais precário que essas escolhas por sufrágio. Não existe um critério, há critérios, e isto ocasiona desordem” (Ramos, 2012, p. 180). Em uma coletânea de contos, é natural que haja disparidade no nível dos textos, que uns sejam melhores que outros. E como o prêmio vai para o conjunto deles, pode-se criar uma divisão entre os membros do júri, separando-se aqueles que têm receio de rejeitar bons trabalhos daqueles que se recusam a votar num livro manchado com alguns erros. Foi isso o que aconteceu na segunda edição do Prêmio Humberto de Campos, pois também Marques Rebelo apontou falhas no livro de Viator, apesar de ter votado nele e de o ter defendido energicamente.

A reestruturação de um material tão extenso e escrito já havia alguns anos durou, como disse Rosa, “cinco meses de reflexão e de lucidez” (Rosa, 1999, p. 379), ou, como disse em outro momento, “escrevi em sete meses e retoquei-o em quatro” (Coutinho, 1965). Em oposição aos “sete meses de exaltação, de deslumbramento” da escrita, a reescrita se baseou num trabalho mais consciente e sistemático, já assimilada a experiência do fracasso no concurso. E é confiando nos conselhos de Marques Rebelo – cujas dicas ecoavam os juízos críticos de Graciliano Ramos, inclusive com a supressão dos mesmos textos, a qual foi feita efetivamente pelo escritor mineiro – que Rosa emendou *Contos*.

O lançamento da primeira edição de *Sagarana* pela Editora Universal, em 1946, produziu elogios mais ou menos efusivos, por parte da crítica (Martins, 1946; Candido,

1946, pp. 7-8; Rego, 1946; Grieco, 1946; Torres, 1946; Milliet, 1946), até que recebeu o que Sônia van Dijk Lima chama de o “batismo crítico, ministrado por Álvaro Lins” (Lima, 2002, p. 197):

“De repente, chega-nos o volume, e é uma grande obra que amplia o território cultural de uma literatura, que lhe acrescenta alguma coisa de novo e insubstituível, ao mesmo tempo que um nome de escritor, até ontem ignorado do público, penetra ruidosamente na vida literária para ocupar desde logo um dos seus primeiros lugares. O livro é *Sagarana* e o escritor é o sr. J. Guimarães Rosa” (Lins, 1946, p. 2).

Com a publicação de *Sagarana*, Graciliano Ramos e Marques Rebelo também se pronunciaram na imprensa (Rebelo, 1946; Ramos, 1962, pp. 249-52), recepcionando de modo francamente favorável o novo lançamento. Em entrevista datada de 1946, o jornalista Ascendino Leite fala que João Guimarães Rosa está “hoje situado, por opinião unânime dos críticos, no plano em que se encontram os grandes escritores deste país” (Leite, 1946, p. 3). Assim, ele entrava no cânone para nunca mais de lá sair.

Desse lugar de destaque, Rosa não deixou de manifestar, ainda que na esfera íntima, admiração e gratidão a Graciliano, tal como se pode observar nas palavras por ele apostas na folha de rosto do exemplar da primeira edição de *Sagarana* com que o artista mineiro presenteia o romancista alagoano, bem como num cartão de visita que acompanha tal volume:

“Ao Graciliano Ramos, grande e amigo – ‘Seu Joãozinho Bem-Bem’ da nossa litera-

tura –, com a admiração e a amizade do Guimarães Rosa, Rio, 21/04/1946 [folha de rosto de *Sagarana*].

Mais um abraço grato, do Guimarães Rosa, 22/04/1946 [cartão de visita]”.

Não por acaso, nessa dedicatória que consta do referido exemplar, Rosa aproxima Graciliano de Joãozinho Bem-Bem, temido personagem do conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” que morre em duelo juntamente com o protagonista da história. Em todas as ocasiões em que se manifestou a respeito dos *Contos*, de Viator, o autor de *Vidas Secas*, em meio às críticas, externava sua admiração, sobretudo, por seu Joãozinho Bem-Bem, “figura notável, dessas que se conservam na memória do leitor” (Ramos, 1962, p. 250).

* * *

Desse modo, tendo em vista o percurso trilhado até aqui, fica claro que não se pode supor que o livro de 1937 fosse fazer o mesmo sucesso que o de 1946. E não exclusivamente pela mudança na recepção, que num caso foi restrita aos membros do júri

e noutro já esteve disponível a um público ampliado. *Contos* e *Sagarana* não são o mesmo livro. E as críticas de Graciliano Ramos, que de certa maneira foram acolhidas ou reverberaram nas avaliações de outros membros do júri da segunda edição do Prêmio Humberto de Campos, mostraram-se valiosas para a reformulação feita por João Guimarães Rosa. A supressão do posfácio e de três dos 12 contos, somada às mudanças sofridas em outros textos, impede que se suponha um erro de julgamento por parte dos jurados contrários à vitória dos *Contos*, que supostamente não teriam reconhecido um novo gênio das letras; do mesmo modo que não se observa a recusa deles em relação ao autor, o qual não opôs resistência alguma às correções propostas, antes acatou-as agradecido, aproveitando a oportunidade para limar o que lhe parecia imperfeito. Supõe-se que o conjunto da obra de Guimarães Rosa poderia não ter a mesma dimensão se a sua primeira coletânea de contos não fosse *Sagarana*, mas sim *Contos*; e quem mais ajudou nesse processo de aprimoramento, fazendo ecoar as primeiras críticas ao volume, não foi senão Graciliano Ramos.

BIBLIOGRAFIA

- ATA DA REUNIÃO de julgamento do Prêmio Humberto de Campos de 1938. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa. Fundo Livraria José Olympio Editora. Subsérie: Comissão Editorial. Dossiê: Prêmio de Contos Humberto de Campos, LJOE.ADM.CED. CET.11, 2/mar./1939.
- BONOMO, Daniel Reizinger. "No Surgimento de *Sagarana*", in *Opiniões: Revista dos Alunos de Literatura Brasileira*, n. 3. São Paulo, 2001, pp. 33-46.
- BORBA, José César. "Histórias de Itaguara e Cordisburgo", in *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 19/maio/1946.
- CANDIDO, Antonio. "*Sagarana*", in *O Jornal*. Rio de Janeiro, 21/jul./1946, pp. 7-8.
- COUTINHO, Maria da Graça de Faria. *Entrevista com Guimarães Rosa*. Colégio Brasileiro de Almeida, jun./1965.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. "A Literatura Fantástica de Guimarães Rosa Antes das *Primeiras Estórias*", in *Revista Olho d'Água*, n. 4. São José do Rio Preto, 2012, pp. 141-56.
- GRIECO, Agripino. "*Sagarana*", in *O Jornal*. Rio de Janeiro, 26/abr./1946.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. 2ª ed. ver. e ampl. São Paulo, Edusp, 2005.
- JARDIM, Luís. *Maria Perigosa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.
- LARA, Cecília de. "Rosa por Rosa: Memória e Criação", in *Revista do IEB*, n. 41. São Paulo, 1996.
- LEITE, Ascendino. "Arte e Céu, Países de Primeira Necessidade", in *O Jornal*. Rio de Janeiro, 26/maio/1946.
- LIMA, Sônia van Dijck. "O Livro que Saiu do Cânone", in *Revista da Anpoll*, n. 13. São Paulo, Humanitas/FFLCH-Universidade de São Paulo/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, jul.-dez./2002, pp. 195-216.
- LINS, Álvaro. "Uma Grande Estreia", in *Correio da Manhã* (Jornal de Crítica). Rio de Janeiro, 12/abr./1946, p. 2.
- MARTINS, Wilson. "*Sagarana*", in *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 29/jul./1946.
- MILLIET, Sérgio. "*Sagarana*", in *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/maio/1946.
- OLYMPIO, José. "Para Estimular o Trabalho dos Jovens 'Conteurs' Brasileiros: Origem, Significação e Utilidade do Prêmio 'Humberto de Campos'", in *Diário de Pernambuco*. Pernambuco, 17/maio/1936, p. 5.
- PEREZ, Renard. "Perfil de João Guimarães Rosa", in *Em Memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.
- PONGETTI, Henrique. "Cara ou Coroa: Saúva nos Loureiros", in *O Globo*. Rio de Janeiro, 8/maio/1946.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1962.
- _____. *Garranchos*. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro, Record, 2012.
- REBELO, Marques. "Depoimento: O Prêmio Humberto de Campos", in *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, 4/mar./1939.
- _____. "*Sagarana*", in *A Manhã*. Rio de Janeiro, 28/abr./1946.
- _____. "Discurso na Sessão de Saudade", in *Em Memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.

- REGO, José Lins do. "Sagarana". *O Globo*. Rio de Janeiro, 10/maio/1946.
- RÓNAI, Paulo. "A Arte de Contar em Sagarana", in *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14/jul./1946.
- ROSA, João Guimarães. *Antes das Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2011.
- _____. "Carta a João Condé", in *A Manhã*. Rio de Janeiro, 21/jul./1946.
- _____. *Diário de Guerra*. São Paulo, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Acervo: João Guimarães Rosa. Código de ref.: JGR-EO-21, 1938-1941.
- _____. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- _____. *Magma*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.
- _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro, Universal, 1946.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembrações: João Guimarães Rosa, Meu Pai*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- SALLA, Thiago Mio. *Graciliano Ramos e a Cultura Política: Mediação Editorial e Construção do Sentido*. São Paulo, Edusp, 2016.
- SANTOS, Cássia dos. "Um Concurso e Dois Autores: Anotações sobre a Concepção de Escrita de Graciliano Ramos", in *Revista da Anpoll*, n. 33. Brasília, jul.-dez./2012, pp. 115-33.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. "Sagarana", in *O Diário*. Minas Gerais, 7/jun./1946.
- VIATOR [João Guimarães Rosa]. *Sezão (Contos)*. São Paulo, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Acervo: João Guimarães Rosa. Código de ref.: JGR-M-01,01, 1937.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: O Descobridor de Escritores*. Rio de Janeiro, Thex, 2001.